

S em coda de sílaba interna à luz da geo e da sociolinguística

Silvia Figueiredo **BRANDÃO** *

Resumo: Este artigo analisa a realização de *S* em coda de sílaba interna com base na fala de onze comunidades do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. A análise leva em conta não só dados coletados por meio da aplicação do questionário do *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ*, mas também as elocuições livres que constituem o *corpus* desse atlas com apoio nos fundamentos da Sociolinguística Variacionista. Comparam-se os dois tipos de análise e ressalta-se o caráter complementar dos dois procedimentos analíticos

Palavras-chave: *S* em coda interna de sílaba; Geolinguística; Sociolinguística.

Abstract: This article analyses the realization of medial syllable *S* coda, based on the speech of eleven communities of the State of Rio de Janeiro, Brazil. The analysis takes into account not only the data collected through regular questionnaire carried out by the *Phonetic Micro Atlas of the State of Rio de Janeiro – MicroAFERJ*, but also spontaneous interviews which are part of the Atlas on the basis of the foundations of Variationist Sociolinguistics. Both types of analyses are compared and provide evidence in favour of the importance of the combination of both types of analytical procedures.

Keywords: Medial syllable *S* coda; Geolinguistics; Sociolinguistics.

* Doutor em Letras Vernáculas (1988) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde é docente. Membro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Contato: silvia.brandao@terra.com.br.

Introdução

Durante muito tempo, discutiu-se a pertinência da utilização de critérios sociolinguísticos em estudos de natureza geolinguística. Pautados essencialmente por objetivos diatópicos, por vezes voltados para o que se poderia denominar de arqueologia linguística, já que tinham também a finalidade de resgatar as formas mais antigas e raras presentes na fala das comunidades, os atlas linguísticos, em certo período, foram alvo de inúmeras críticas por não contemplarem os diferentes fatores de ordem social que condicionam as formas variantes. Os projetos tradicionais, que representavam a fala das localidades por meio de um único indivíduo, em geral do sexo masculino, idoso, analfabeto, sedentário e de origem rural,¹ não retratariam com a devida acuidade a realidade linguística, uma vez que variações advindas de fatores de cunho diastrático pareciam, por vezes, impor-se às de natureza regional.

Paradigmática dos debates sobre a questão foi a crítica contundente feita por Pickford (1956) ao LANE – *Linguistic Atlas of New England* (KURATH, 1939-1943). Embora o projeto elaborado por Kurath tenha sido um dos primeiros a levarem em conta, de forma sistemática, uma variável social (nível de instrução) na seleção dos informantes, para essa socióloga, privilegiar os estratos mais antigos e estáveis da sociedade equivaleria a recolher dados arcaicos e provincianos, que não retratariam a complexidade linguística americana, que só poderia ser efetivamente representada no atlas se variáveis como idade, sexo, tipo de ocupação, classe, grupo racial e filiação religiosa definissem o perfil dos informantes. Acrescentava, ainda, que seu número deveria ser proporcional ao dos segmentos que constituíam a sociedade americana (BRANDÃO; MORAES, 1998, p. 108).

¹ Tais características correspondem ao que Chambers & Trudgill (1980, p. 33) caracterizam como informantes NORMs, acrônimo para “non mobile, older, rural, males”.

Com o passar dos anos, e talvez em função do prestígio que ganhou a Sociolinguística, os atlas foram incorporando, em sua metodologia, outras variáveis sociais, de modo a melhor registrarem e definirem o âmbito das variantes observadas. Como salientou Winkelmann (1996, p. 343), “no começo dos anos oitenta, generaliza-se no âmbito da geolingüística a opinião de que uma análise unidimensional e estritamente diatópica não é suficiente para explicar a variação lingüística observada”,² ideia, aliás, claramente explicitada por Chambers & Trudgill (1980, p. 23) ao afirmarem que “o futuro da geografia dialetal depende da capacidade de seus praticantes em adotar e incorporar os interesses e talvez a metodologia da dialectologia urbana.”³

Chegou-se, assim, à hoje denominada geolinguística pluridimensional, de que o ADDU (*Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai*) pode ser considerado o exemplo mais abrangente. Nele, buscou-se registrar as variantes em diferentes dimensões: dialingual – espanhol/português –; diatópica (topoestática); diatópico-cinética – topoestática: informantes com residência relativamente estável na localidade/topodinâmica: referente a grupos móveis –; diastrática – classe superior/classe inferior –; diageracional – geração II/geração I –; diassexual – mulheres/homens –; diafásica – respostas ao questionário/leitura de versão modificada da parábola do filho pródigo/conversação livre – e diarreferencial – língua “objeto” /metalíngua (ELIZAICÍN; THUN, 1992).

Se, de um lado, estudos geolingüísticos permitem detectar, simultaneamente, vários fenômenos variáveis e observar a difusão de variantes pelas diferentes áreas de um território pré-definido,

² “A comienzos de los años ochenta, se generaliza dentro de la geolingüística a opinión de que un análisis unidimensional y estrictamente diatópica nos es suficiente para explicar la variación lingüística observada.”

³ “[...] the future of dialect geography depends upon the ability of its practitioners to embrace and incorporate the concerns and perhaps the methodology of urban dialectology.”

de outro, a Sociolinguística, em especial a variacionista, enseja conhecer em profundidade as variáveis linguísticas que se mostram relevantes nas comunidades de fala, permitindo verificar, em detalhe, as motivações estruturais e sociais que determinam a implementação das variantes e conduzem os processos de mudança.

Nesse sentido, pode-se dizer que a Geolinguística e a Sociolinguística são intercomplementares. Labov (1976, p. 48) não só destacou a importância de ter contado com os dados do LANE como ponto de partida sólido e apoio fundamental para suas conclusões no que concerne ao trabalho sobre Martha's Vineyard, mas também dedicou-se, em parceria com Sharon Ash e Charles Boberg, à elaboração de *The Atlas of North American English: Phonetics, Phonology and Sound Change – ANAE*, publicado em 2006.⁴

Para o ANAE, foram realizados 762 inquéritos por telefone, com duração de 30 a 45 minutos, correspondentes a 297 comunidades urbanas de língua inglesa nos Estados Unidos e no Canadá. Nas entrevistas, aplicaram-se diferentes técnicas utilizadas em estudos sociolinguísticos, como fala espontânea; diferencial semântico (questões sobre diferença de sentido entre duas palavras); sequências de palavras que não requerem leitura, (como dias da semana, peças de vestuário, contagem); pares mínimos e lista de palavras enviados por correio aos informantes que eram, mais tarde, recontactados por telefone para realizarem a leitura.

Embora seja inquestionável a extrema complexidade dos fatores que interagem nos fenômenos em variação, recortes metodológicos são inevitáveis quando se trata de pesquisas sobre a fala de grandes áreas. Cabe ao geolinguista selecionar e controlar rigorosamente as variáveis sociais que lhe parecem mais adequadas a uma descrição que indique, de forma fidedigna, as principais características das comunidades de fala retratadas.

Com base nos resultados expostos em atlas linguísticos assim delineados, pode-se, por meio de outros enfoques, como o

⁴ Cf. a página de Labov (<<http://www.ling.upenn.edu/~labov>>) e da Mouton de Gruyter, que publicou a obra (<<http://www.mouton-online.com>>).

sociolinguístico variacionista, e novas variáveis, chegar a um melhor conhecimento dos fatores que condicionam o uso de uma variante, ancorando-os em índices que meçam não apenas sua frequência mas também seus pesos relativos. É o que se busca, em última análise, demonstrar no presente estudo.

Assim, neste artigo, focaliza-se o S em coda interna de sílaba na fala fluminense à luz dos dados registrados no *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro – MicroAFERJ* (ALMEIDA, 2008) – e em análise variacionista realizada com as elocuições livres que também formam o *corpus* desse projeto, no intuito de: (a) determinar os fatores que presidem à sua palatalização, (b) verificar a produtividade desse processo na fala monitorada por questionário e na fala espontânea e, ainda, (c) ressaltar a complementaridade dessas duas áreas da Linguística.

No primeiro item, a seguir, comenta-se a metodologia que presidiu à organização do MicroAFERJ e sintetizam-se algumas das conclusões relacionadas ao S em coda. No segundo item, descrevem-se os resultados da análise variacionista e, no terceiro, confrontam-se esses resultados com os expostos pela autora do mencionado atlas no que se refere aos fatores que se mostraram salientes para a regra de palatalização.

1 O S nas cartas do MicroAFERJ

O MicroAFERJ (ALMEIDA, 2008), elaborado como tese de doutorado, compõe-se de 307 cartas fonéticas e foi realizado segundo os preceitos da chamada geolinguística pluridimensional, uma vez que leva em conta as variáveis sexo e faixa etária (18-35anos; 36-55 anos; mais de 56 anos) na apresentação dos dados. No total, inquiriram-se 72 indivíduos, seis em cada um dos 12 municípios selecionados (que contemplam as oito regiões do Estado): (1) São Francisco de Itabapoana, (2) Porciúncula, (3) Santa Maria Madalena, (4) Cabo Frio, (5) Cantagalo, (6) Cachoeiras de Macacu, (7) Itaguaí, (8) Parati, (9) Valença, (10) Três Rios, (11) Quissamã e (12) Resende.

Nas cartas em que ocorre S em coda silábica, apresentam-se gráficos que mostram os índices de ocorrência das variantes – [s z ʒ ʒ h ø], cruzando-se sexo e faixa etária. Na tese, há, ainda, uma análise sobre a variável (cap. 5) em contexto externo e interno de vocábulo, servindo esta última de base ao estudo comparativo aqui proposto.

Em coda externa, Almeida (2008) observou o S com valor morfêmico (10 cartas) e não morfêmico (17 cartas), concluindo que a incidência das variantes nessa posição é bem diferente da que se observa em contexto interno:

Em contexto interno, predomina a variante palatal (1.187 oco, 55%) sobre a alveolar (899 oco, 42%). Já em contexto final absoluto, quando o S não é morfema de número, a variante alveolar suplanta a palatal em 25 pontos percentuais (738 oco, 60%, contra 422 oco, 35%)... (ALMEIDA, 2008, p. 119)

[...] se o S tem valor morfêmico, a tendência é o cancelamento (352 oco, 50%), mas, quando ele é concretizado, a variante alveolar predomina: 236 oco (34%), contra 113 (16%) referentes à variante palatal. Eliminando-se os casos de cancelamento (50%) e a única ocorrência de aspirada, o percentual [da alveolar] sobe para 67%, índice altamente significativo. (ALMEIDA, 2008, p. 120)

Com base nas médias percentuais obtidas para a variante palatal nos contextos interno e externo (com valor morfêmico e não morfêmico) (quadro 1), Almeida (2008) afirma que a variante palatalizada constitui norma apenas em três localidades: “Itaguái, na Região Metropolitana, e Cachoeiras de Macacu e Cabo Frio, ambas na Região das Baixadas Litorâneas”, tendo seus menores índices de frequência “em Resende (14,3%) e Porciúncula (16%), localidades, respectivamente, das regiões Centro Sul e Noroeste fluminenses” (ALMEIDA, 2008, p. 126).

ÍNDICES REFERENTES À VARIANTE PALATAL DE S POR LOCALIDADE E POSIÇÃO NO VOCÁBULO					
PONTO	LOCALIDADE	CONTEXTOS (%)			MÉDIA %
		INTERNO	EXTERNO		
			Não morfêmico	Morfêmico	
1	S. Francisco de Itabapoana	51	17	12	26,6
2	Porciúncula	29	16	3	16
3	Santa Maria Madalena	66	44	15	41,6
4	Cabo Frio	91	88	39	72,6
5	Cantagalo	49	18	10	26,6
6	Cachoeiras de Macacu	87	93	43	74,3
7	Itaguaí	95	83	46	74,6
8	Paraty	49	20	0	23
9	Valença	47	19	12	26
10	Três Rios	40	15	6	20,3
11	Quissamã	51	10	5	22
12	Resende	29	14	0	14,3

Quadro 1 – Tabela apresentada por Almeida (2008, p. 125), com adaptações

Levando em conta a fala de 28 localidades do Rio de Janeiro – doze do MicroAFERJ (considerando as médias de frequência acima expostas), doze do estudo de Rodrigues (2001) – Regiões Norte e Noroeste –, e quatro do AFeBG (LIMA, 2006),⁵ Almeida elaborou um mapa (figura 1) em que traça a isófona da variante palatal de S pós-vocálico no Estado. A carta isola a área de maior incidência de palatalização, restrita “a municípios das regiões Metropolitana e das Baixadas Litorâneas, que gravitam em torno da cidade do Rio de Janeiro” (ALMEIDA, 2008, p. 127).

⁵ O MicroAFERJ e o trabalho de Rodrigues (2001) têm um ponto de inquérito em comum: São Francisco do Itabapoana.

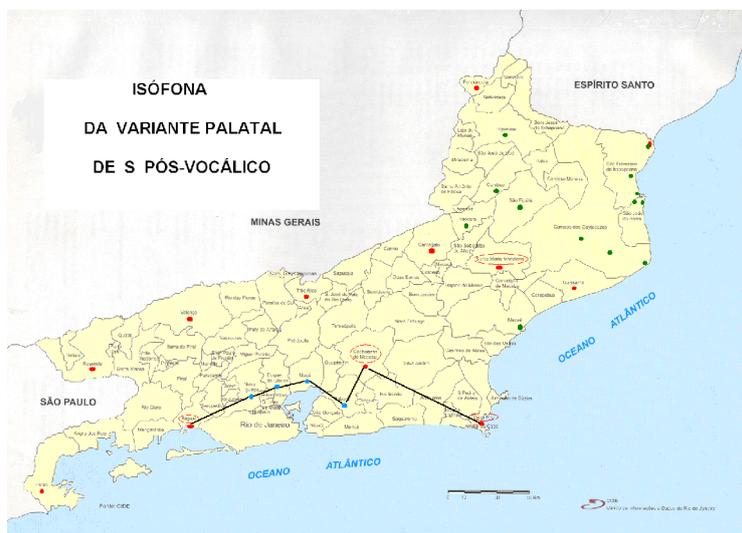


Figura 1 – Carta apresentada por Almeida (2008, p. 127)

Das 58 cartas que apresentam *ʃ* em coda silábica, 31 dizem respeito ao contexto interno (2.144 dados), como se pode verificar pela tabela a seguir, em que se indica o número de ocorrências das variantes em cada um dos vocábulos (ALMEIDA, 2008, p. 118). As surdas e sonoras foram computadas em conjunto, procedimento também adotado na análise variacionista que consta do item 2.⁶

⁶No quadro 1, estão computados os dados das doze localidades, inclusive os de Paratí, que não serão levados em conta na análise variacionista.

RESULTADOS OBTIDOS COM BASE NOS DADOS DE -S EM CODA INTERNA						
Nº DA CARTA	PALAVRA	TIPO DE CONCRETIZAÇÃO				Total de ocorrências
		Alveolar	Palatal	Aspirada	Zero	
19	ISCA	49	21	0	0	70
54	CASCA	47	25	0	0	72
55	CASPA	52	19	1	0	72
141	CRISTO	25	46	0	0	71
81	DENTISTA	18	54	0	0	72
83	DESMAIO	43	21	6	0	70
95	ESCOLA	32	40	0	0	72
97	ESCOVA	33	39	0	0	72
99	ESCURO	36	36	0	0	72
101	ESPINHO	40	31	0	0	71
103	ESQUECER	46	25	0	0	71
105	ESTÁTUA	18	51	0	1	70
107	ESTÔMAGO	19	52	0	0	71
109	EXPERIÊNCIA	33	32	0	0	65
110	FESTA	15	55	1	0	71
119	FÓSFORO	28	21	0	4	53
134	HOSPITAL	29	41	0	0	70
139	INTESTINO	2	62	1	2	67
149	LESMA	46	23	2	0	71
160	MÁSCARA	40	32	0	0	72
161	MASTIGAR	3	59	9	0	71
167	MESMO	42	21	4	2	69
170	MOSCA	47	25	0	0	72
178	NORDESTINO	0	59	7	1	67
196	PASTA	24	48	0	0	72
205	PESCOÇO	47	23	2	0	72
208	PLÁSTICO	0	41	2	1	44
215	POSTE	3	53	11	0	67
256	TRANSPORTE	45	25	0	1	71

Nº DA CARTA	PALAVRA	TIPO DE CONCRETIZAÇÃO				Total de ocorrências
		Alveolar	Palatal	Aspirada	Zero	
256	TRANSPORTE	45	25	0	1	71
292	SEXTA	19	53	0	0	72
302	AGOSTO	18	54	0	0	72
Nº total de ocorrências		899	1187	46	12	2144
		55%	42%	2%	1%	100%

Quadro 2 – Número de ocorrências do –S em coda silábica interna por tipo de concretização nos dados registrados no MicroAFERJ, correspondente à tabela 6 de Almeida (2008, p. 118), com o acréscimo dos índices percentuais

2 Análise variacionista de S

O estudo variacionista foi realizado com base nas elocuições livres que compõem o acervo do MicroAFERJ. Levaram-se em conta apenas onze das doze localidades, em função de duas das gravações referentes às elocuições livres de Parati apresentarem problemas técnicos.

Na análise, além de localidade, sexo e faixa etária, controlaram-se as variáveis impedimento à passagem do ar na articulação do segmento subsequente, modo de articulação, ponto de articulação e sonoridade da consoante subsequente, tonicidade da sílaba e natureza do vocábulo em que incide o segmento.

Consideraram-se, em média, 10 minutos de cada inquérito, obtendo-se 880 dados relativos ao contexto interno. Nessa amostra, verifica-se que 24 correspondem ao cancelamento e apenas 5 à variante aspirada. Os demais 771 dados, que compuseram a base da análise variacionista, distribuem-se entre a variante alveolar e a palatalizada. Conforme se verifica no Quadro 3, na fala das onze comunidades, a palatalizada predomina (51%) no contexto interno, com pequena diferença percentual (2%) sobre a alveolar.

	Contexto interno	
	771 dados	
	Palatalizada	Alveolar
Oco	395	376
Perc.	51%	49%

Quadro 3 – Variantes de S em coda interna

A análise, com base no Programa Goldvarb, mostra que a variante palatalizada, com input 0,523 na rodada de seleção, no conjunto das onze localidades, está em franca concorrência com a alveolar e sua implementação é condicionada por fatores ligados ao ponto de articulação da consoante subsequente, à localidade e ao gênero.

No Quadro 4, observa-se que, diante de consoantes pós-alveolares (p.r. 0,901) e alveolares (p.r. 0,576) é mais provável a ocorrência da variante palatalizada – ex: [iziʃ'tʃiø], [iʃ'tradø] – enquanto, diante de velares (p.r. 259) e labiais (p.r. 329), a alveolar predomina – ex: [ʔdzisku], [is'pozu].

	Oco	Perc.	P.R.
Labial	54/140	38%	0,329
Alveolar	225/384	58%	0,576
Pós-alveolar	60/74	81%	0,901
Velar	56/173	32%	0,259
<i>Input: 0.523</i>		<i>Significância: 0,000</i>	

Quadro 4 – Variante palatalizada de S em coda interna: efeito da variável ponto de articulação

Tal condicionamento tem sido mencionado em outros estudos sobre a variável não só no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, como os de Gryner e Macedo (2000), sobre a fala de Cordeiro-RJ, e de Brandão (1997, 2008) e Rodrigues (2001) sobre comunidades das Regiões Norte e Noroeste, mas também na fala de outras áreas, como a de Belo Horizonte (SILVA, 1999). Mota (2001), no capítulo 5 de sua tese, resenha os principais trabalhos sobre o S em coda em diferentes regiões do país, ficando clara a importância desse grupo de fatores para a implementação da variante palatalizada.

No que toca à atuação da variável localidade, o Quadro 5 (cf. linhas sombreadas) sugere que a variante palatalizada é mais produtiva nas áreas mais próximas da capital do Estado, onde ela é categórica. Na Região Metropolitana, aqui representada por Itaguaí (p. r. 739) e na Região das Baixadas Litorâneas (quer em Cabo Frio, quer em Cachoeiras de Macacu, respectivamente p. r. 0, 872 e 0,826), obtiveram-se os mais altos índices da variante, o que pode ser explicado pelo fato de os habitantes dessas comunidades estarem em maior contato com os da cidade do Rio de Janeiro, seja em função de relações de trabalho (Itaguaí), seja por constituírem áreas de veraneio e de turismo de final de semana (Cachoeiras de Macacu, Cabo Frio e, também, Três Rios, com p. r. 0,541).

Por sua vez, a fala das regiões extremas, situadas próximo a Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo (as do Norte e Noroeste, de um lado, as do Médio Paraíba, de outro), apresenta maior retenção da variante alveolar, em virtude não só de essas comunidades estarem mais distantes da capital, mas também de sua população manter maior intercâmbio com paulistas e mineiros. Já Cantagalo e Santa Maria Madalena, por conta de sua situação geográfica, mantiveram-se mais isoladas.

Quanto ao gênero, são as mulheres (p.r. 0,639) as que mais usam a palatalizada, certamente pelo fato de ser esta uma variante de prestígio.

Região	Localidade	Oco	Perc.	P.R.
Noroeste	Porciúncula (POR)	14/69	20%	0,113
Norte	São Francisco do Itabapoana (SFI)	22/82	26%	0,275
	Quissamã (QUI)	25/66	37%	0,460
Serrana	Cantagalo (CAN)	18/47	38%	0,351
	Santa Maria Madalena (SMM)	29/58	50%	0,336
Centro Sul	Três Rios (TRR)	25/47	53%	0,541
Baixadas Litorâneas	Cachoeiras de Macacu (CMA)	124/149	83%	0,826
	Cabo Frio (CAF)	46/54	85%	0,872
Metropolitana	Itaguaí (ITA)	66/101	65%	0,739
Médio Paraíba	Valença (VAL)	19/56	33%	0,255
	Resende (RES)	7/42	16%	0,110
Input: 0,523		Significância: 0,000		

Quadro 5 – Variante palatalizada de S em coda interna: efeito da variável localidade

	Oco	Perc.	P.R.
masculino	148/380	38%	0,357
feminino	247/391	63%	0,639
Input: 0,523		Significância: 0,000	

Quadro 6 – Variante palatalizada de S em coda interna: efeito da variável gênero

É importante observar que estudo anterior (BRANDÃO, 2008), com base na fala das mesmas onze comunidades, demonstrou que, em coda externa, o índice de palatalização de S – que é favorecido pela atuação das variáveis ponto de articulação da consoante subsequente, localidade e tonicidade da sílaba –

decrece para 30% (input 0,456) – como também aponta Almeida –, o que permite inferir que a propagação da regra se tenha iniciado pelo contexto interno, em que, como se acabou de verificar, é bem mais produtiva.

3 Comparação dos resultados

No MicroAFERJ, dos 2.144 dados relativos ao contexto interno, 2.086 (97% do *corpus*) referem-se às ocorrências das variantes palatalizada e alveolar.

	Contexto interno	
	2086 dados	
	Palatalizada	Alveolar
Oco	1187	899
Perc.	57%	43%

Quadro 7 – Variantes de S em coda interna, com base na tabela 6 de Almeida (2008, p. 118)

Em sua análise, Almeida (2008, p. 122) observa:

Em coda interna, constatou-se que o ambiente mais propício à variante palatal é aquele em que ao *S* se segue uma consoante africada [...]

[...] as realizações alveolares são mais freqüentes diante de segmentos não-coronais [...] Diante de oclusiva alveolar, há um pequeno predomínio das realizações palatais, mas o contexto que realmente favorece a palatalização é o das africadas [tS]e [d]. Diante delas, houve um número irrisório

de realizações alveolares (2 em *intestino*, 3 em *mastigar*, 0 em *nordestino* e 3 em plástico) [...]

Para melhor confrontar os resultados de Almeida aos da análise variacionista, elaborou-se, nos mesmos moldes do Quadro 7, que diz respeito ao contexto subsequente ao S, o Quadro 8, a seguir, com base nos vocábulos elencados no Quadro 2.

	Oco	Perc.
Labial	234/592	39%
Alveolar	413/569	72,5%
Pós-alveolar	274/282	97%
Velar	266/643	41%

Quadro 8 – Índices de ocorrência da variante palatal de S nos dados do MicroAFERJ, segundo o contexto subsequente

Independentemente da metodologia empregada, obtém-se, embora com índices percentuais diferentes, o mesmo resultado: pós-alveolares e alveolares propiciam a ocorrência da variante palatalizada; velares e labiais a da variante alveolar.

No que concerne à localidade, há algumas pequenas diferenças que cabe aqui destacar.

Na análise variacionista, em que localidade foi considerado o segundo grupo de fatores mais saliente para a aplicação da regra, a variante palatalizada mostrou-se mais produtiva em apenas quatro localidades: Cabo Frio (CAF), Cachoeiras de Macacu (CMA), Itaguaí (ITA) e Três Rios (TRR), conforme se pode visualizar no Gráfico 1, a seguir, elaborado com base nos índices percentuais que constam do Quadro 1.

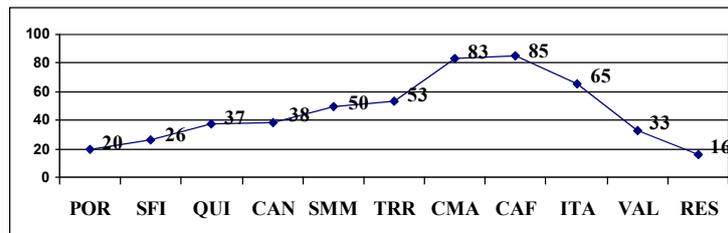


Gráfico 1 – Índices percentuais de ocorrência da variante palatalizada por localidade com base no *corpus* oriundo das elocuições livres do MicroAFERJ

No Gráfico 2, organizado com os índices fornecidos por Almeida (2008, p. 125), verifica-se não só que a área de domínio da variante palatalizada é mais ampla, mas também que seu percentual de ocorrência na fala de dez das onze localidades é maior (Três Rios é a exceção). Note-se, no entanto, que nas regiões Noroeste – Porciúncula (POR) – e do Médio Paraíba – Valença (VAL) e Resende (RES) –, o uso da variante palatalizada está abaixo de 50%, a exemplo do que ocorre em Cantagalo (CAN), na Região Serrana.

A variável sexo, que a análise variacionista apontou também como atuante para a palatalização, no estudo de Almeida não foi considerada isoladamente, mas em conjunto com o variável faixa etária. Embora a autora tenha levado em conta a aspirada e o cancelamento na elaboração do seu gráfico (ALMEIDA, 2008, p. 128), como essas variantes são pouco produtivas (3% dos dados), é possível verificar apenas a frequência da variante palatalizada e compará-la à obtida na análise variacionista.

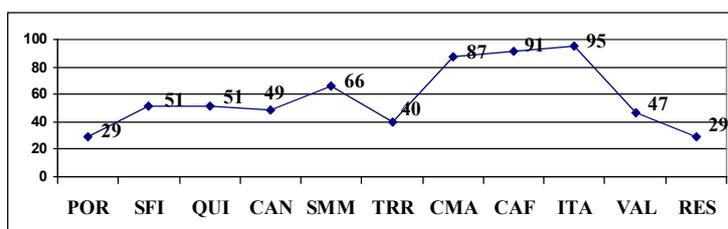


Gráfico 2 – Índices percentuais de ocorrência da variante palatalizada por localidade com base no *corpus* formado pelas respostas ao Questionário do MicroAFERJ

No Gráfico 3, observa-se que as mulheres são mais suscetíveis ao uso da variante palatalizada, cujos índices de frequência, em ambas as situações comunicativas, superam os dos homens. Nas respostas ao Questionário, é diverso o comportamento entre os sexos: enquanto as mulheres aumentam o emprego da variante palatalizada, os homens fazem menos uso delas, em qualquer faixa etária.

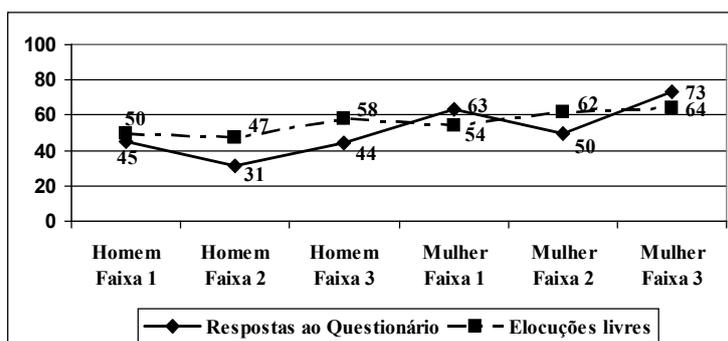


Gráfico 3 – Índices percentuais de ocorrência da variante palatalizada por sexo e faixa etária com base nas respostas ao Questionário e nas elocções livres do MicroAFERJ

Considerações finais

O confronto dos resultados advindos dos dois tipos de análise demonstrou a pertinência da seleção vocabular que presidiu à elaboração do Questionário do MicroAFERJ, no que se refere ao registro das variantes de S em coda. Os índices fornecidos pelo estudo de Almeida (2008) quanto à variante palatalizada em contexto interno coadunam-se com aqueles obtidos com base na amostra selecionada de inquiridos de fala espontânea, o que pressupõe a ocorrência aleatória de itens lexicais.

A comparação indicou que, na fala mais monitorada (aqui representada pelas respostas ao Questionário), os informantes tenderam a utilizar com mais frequência a palatal, talvez pelo fato de ser esta uma variante de prestígio no território fluminense, o que é corroborado pela maior adesão das mulheres ao seu uso.

A análise variacionista confirmou as observações de Almeida (2008) quanto à maior relevância do ponto de articulação do segmento subsequente no processo de palatalização de S. Também relevante é a variável diatópica, que permite delinear a Região Metropolitana e a das Baixadas Litorâneas como a área de maior incidência do processo, que vai diminuindo nas direções Norte e Sul do Estado.

Fica patente a importância da incorporação de variáveis sociais em estudos de natureza diatópica, como vem acontecendo nos atlas linguísticos brasileiros mais recentes, reiterando-se, assim, a imprescindível intercomplementaridade da Geolinguística e da Sociolinguística para um conhecimento mais aprofundado de fenômenos variáveis no âmbito da fonética/fonologia.

Referências

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)** – uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. 2008. 157p. Tese (Doutorado em Letras – Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A fala popular do Estado do Rio de Janeiro numa perspectiva geo-sociolingüística. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). **Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EdUFF, 2008a. p. 268-284.

_____. Estudo variacionista sobre a palatalização de S em coda silábica na fala fluminense. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., Porto Alegre, 2008. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2008b. 1 CDRom.

_____. Aspectos sociolingüísticos de um dialeto rural. In: HORA, Dermeval da (Org). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 61-69.

_____.; MORAES, João Antonio de. A geolingüística no Brasil: resultados e perspectivas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA (ALFAL), 9., Campinas, 1998. **Atas...** Campinas: Universidade Estadual de campinas; Instituto de estudos da Linguagem, 1998. v. 4. p.106-113.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

ELIZAICÍN, Adolfo; THUN, Harald. El Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. **Diálogo científico**, Tübingen, v. 1, n. 1, 1992.

GRYNER, Helena; MACEDO, Alzira Tavares de. A pronúncia do s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, Maria Cecília; MARTELOTTA, Mário E. (Org.). **Análises lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2000. p. 26-51.

KURATH, Hans et al. **The Linguistic Atlas of New England**. Providence: Brown University Press, 1939-1943.

LABOV, William. Les motivations sociales d'un changement phonétique. In: _____. **Sociolinguistique**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1976. p. 9-93.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara-AFeBG**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras – Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2 v.

MOTA, Jacyra Andrade. **O -s em coda silábica na norma culta de Salvador**. 2001. Tese (Doutorado em Letras – Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PICKFORD, Glenna R. American linguistic geography: a sociological appraisal. **Word**, n. 12, p. 211-233, 1956.

RODRIGUES, Sandra Helena Arouca. **O –S pós-vocálico na fala da Região Norte-Noroeste do Estado do Rio de Janeiro**. 2001. 100p. Dissertação (Mestrado em Letras – Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 1999.

WINKELMANN, Otto. La geolingüística pluridimensional y el análisis de situaciones de contacto lingüístico. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald. (Orgs.) **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**. Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie. (Heilderberg/Mainz, 21-24.10.1991). Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 342-353.